



Brincar, fotografar, produzir culturas: experiências estéticas de crianças na creche

Playing, photographing, producing cultures: aesthetic experiences of children in daycare

Marta Regina Paulo da Silva

Doutora em Educação
Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS.
São Caetano do Sul, São Paulo - Brasil.
martarps@uol.com.br

Vanilza Ramos Rodrigues Oliveira¹

Pedagoga
Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS.
São Caetano do Sul, São Paulo - Brasil.
vanilza.davi@hotmail.com

Resumo: O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou compreender como as crianças pequenas, a partir de sua produção fotográfica, leem e comunicam o mundo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como procedimentos metodológicos a análise de fotografias produzidas por crianças de 3 anos em uma creche municipal da Região do Grande ABC, SP e entrevistas com educadoras. Como referencial teórico, dialogou com os estudos da infância. A análise dos dados demonstra que as crianças se entregam ao ato de fotografar com alegria e empoderamento e produzem imagens que denotam curiosidade, criatividade, imaginação, sensibilidade e investigação. Suas fotografias apresentam uma leitura de mundo aberta à novidade, em que criam novos e diferentes sentidos. Contudo, verifica-se que a fotografia ainda é pouco utilizada no cotidiano educacional como forma expressiva das crianças, o que desvela a necessidade de processos formativos sobre sua importância.

Palavras-chave: fotografias; culturas infantis; creche; crianças.

Abstract: The article presents the results of a research that aimed to understand how young children, from their photographic production, read and communicate the world. This is qualitative research that had as methodological procedures analysis of photographs produced by 3-year-old children in a municipal day care center in the Greater ABC/SP Region and interviews with educators. As a theoretical reference, it dialogued with childhood studies. Data analysis shows that children engage in the act of photographing with joy and empowerment and produce images that denote curiosity, creativity, imagination, sensitivity and investigation. His photographs present a reading of the world open to novelty, in which they create new and different meanings. However, it appears that photography is still little used in the educational routine as an expressive form of children, which reveals the need for formative processes on its importance.

Keywords: photographs; children's cultures; daycare; children.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

SILVA, Marta Regina Paulo; OLIVEIRA, Vanilza Ramos Rodrigues. Brincar, fotografar, produzir culturas: experiências estéticas de crianças na creche. *Dialogia*, São Paulo, n. 43, p. 1-20, e23634, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/43.2023.23634>.

American Psychological Association (APA)

Silva, M. R. P., & Oliveira, V. R. R. (2023, jan./abr.). Brincar, fotografar, produzir culturas: experiências estéticas de crianças na creche. *Dialogia*, São Paulo, 43, p. 1-20, e23634. <https://doi.org/10.5585/43.2023.23634>.

¹ Bolsista PIBIC-CNPq.

Introdução

As crianças leem e comunicam o mundo desde que nascem por meio de múltiplas linguagens. Nesse processo, elas estão mergulhadas em um universo de signos os quais vão aprendendo a observar, escutar, interpretar e expressar. Isso denota sua necessidade de se comunicarem, visto que, por meio da comunicação, organizam seus pensamentos, socializam-se, expressam e transmitem seus sentimentos e emoções (MALAGUZZI, 1999).

O respeito à leitura de mundo das crianças e às suas vozes é um imperativo para o trabalho pedagógico com elas. Contudo, estudos e pesquisas na área da infância demonstram que muitas instituições de Educação Infantil, na elaboração de suas propostas, privilegiam atividades que “preparam” meninos e meninas para “[...] futuras vivências, vivências estas que, muitas vezes, não chegam, sacrificando o tempo presente da infância, a infância como tempo em si, como vivência em si” (ARROYO, 1994, p. 87).

O tempo da criança é um tempo presente. Assim, a infância não pode ser compreendida como um vir a ser adulto. Destarte, questionar concepções estereotipadas e hegemônicas sobre a criança e a infância é urgente, no intuito de romper com perspectivas que limitam meninos e meninas a um “vir a ser” e que cerceiam o seu direito de vivenciar o tempo presente da infância em um ambiente educacional em que possam brincar, criar, divertir-se, descobrir, conhecer e produzir cultura, ressignificando vivências e construindo suas identidades. Essa criança ativa, produtora de cultura, anseia interagir com o mundo que a cerca, o que faz por meio de várias linguagens, entre elas a fotografia.

A fotografia hoje faz parte do cotidiano de muitas crianças. Grande parte da população tem acesso a câmeras – sejam máquinas fotográficas ou câmeras em celulares –, o que torna o ato de fotografar uma prática social. Essa facilidade de acesso aumenta o interesse das crianças pela fotografia, e elas são inseridas nessa prática desde bem pequenas, como ser ativo e produtor de imagens.

As imagens capturadas pelos olhos infantis contemplam detalhes que passam, muitas vezes, despercebidos pelos olhares adultos – que quase sempre estão apressados – e levam-nos a refletir sobre os seus significados. Não que busquemos o significado “real” das imagens produzidas pelas crianças, mas as leituras que fazem do mundo que as circunda, de suas próprias infâncias e de si mesmas.

Como “narrativas visuais” (CUNHA, 2009), as imagens produzidas pelas crianças provocam a reflexão sobre o vasto universo da infância e suas significações, reivindicam um refinamento e uma sensibilização do nosso olhar adulto, no intuito de sermos tocados(as) pela

infância, com toda a sua leveza, abertura e simplicidade, para, então, adentrar em seu mundo imagético e construir com elas um diálogo que possibilite escutar suas vozes.

Nessa perspectiva, interessou-nos investigar como meninos e meninas produzem as culturas infantis a partir das experiências com a câmera fotográfica. A pesquisa teve como procedimentos metodológicos a análise de fotografias produzidas por crianças de 3 anos de idade, resultantes do Projeto “*Click!!!* Creches e pré-escolas sob olhares infantis: o que pode a criança e uma câmera?”, desenvolvido em uma creche municipal da Região do Grande ABC Paulista; e entrevistas com duas docentes e uma estudante do curso de Pedagogia que participaram desse trabalho.

O “*Click*”, constituído como projeto de extensão de uma universidade da mesma região, tinha como objetivo propor contextos que potencializassem as experiências das crianças pequenas na produção de fotografias, acompanhar essas experiências e refletir sobre elas. Ao longo de todo o projeto, com duração de um ano, foram realizados encontros com estudantes de Pedagogia e professoras da creche, oficinas de fotografias e idas à instituição para a realização das atividades com as crianças. Estas consistiam em disponibilizar câmeras aos meninos e às meninas com a finalidade de que pudessem explorar e fotografar os diferentes espaços da creche, sem a intervenção direta das educadoras. As fotografias produzidas eram discutidas nos encontros do grupo, em busca de indícios que possibilitassem a compreensão das leituras de mundo de meninos e meninas. No total as crianças tiraram 1312 fotografias, que se constituem como fontes e que foram analisadas na pesquisa aqui apresentada.

Cabe considerar que a fotografia, entendida como fonte documental, consiste em um rico material que nos fornece testemunhos sobre um sujeito histórico em um determinado contexto social. Contudo,

[...] tomamos a fotografia não como documento socialmente realista e objetivo do cotidiano, mas como uma linguagem de caráter estético, que cria ou narra uma história. E aqui é preciso pontuar que o fato de ser uma produção ficcional, não quer dizer que seja menos real, uma vez que é a interpretação de um real, só que um real que não se deixa congelar ou aprisionar, visto que, cada olhada para ele, nos permite novas significações, e, conseqüentemente, novas possibilidades de compreender as representações da sociedade em um determinado período histórico. (SILVA; SCHIFINO, 2019, p. 653)

Nesse sentido, analisar as produções imagéticas de meninos e meninas permite-nos pensar e compreender as infâncias e as crianças desde seus olhares, seus pontos de vista.

Além da análise das fotografias, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma estudante do curso de Pedagogia, que nomeamos aqui de Estudante, e duas professoras – uma da creche, nomeada aqui Professora A, e uma da universidade, chamada aqui de Professora B –, que

participaram do desenvolvimento e da realização do projeto. A entrevista foi uma ferramenta importante, pois permitiu desvelar a percepção das entrevistadas sobre a produção cultural das crianças e de como elas leem e comunicam o mundo por meio das fotografias – os depoimentos que transcrevemos aqui foram todos colhidos nas entrevistas, realizadas em agosto de 2020. A partir do referencial teórico, das fotografias das crianças e das entrevistas identificamos três categorias de análise: imagens vertiginosas; espaço, tempo e materiais; e olhar caçador.

Neste artigo apresentamos em um primeiro momento a concepção de criança e fotografia que defendemos, para na sequência mergulhar nas imagens produzidas pelas crianças.

Crianças e fotografias

A compreensão da criança como sujeito histórico, de direitos e que tem um papel ativo na sociedade convoca-nos a repensar o papel do(a) professor(a) como alguém que se inspira e aprende com a criança, em um movimento constante de diálogo (FREIRE, 1996), e a construir um ambiente oportuno para vivências marcadas pelos princípios éticos, políticos e estéticos – este último é aquele relativo à sensibilidade, à criatividade, à ludicidade e à liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010).

Com isso, as instituições de Educação Infantil têm o compromisso de proporcionar aos meninos e às meninas contextos lúdicos que potencializem suas experiências com as múltiplas linguagens artísticas e culturais; e ambientes que as encorajem à arte de expressar-se, comunicar, divertir-se, experimentar e questionar, o que contribui para a construção de novos modos de ser, pensar e agir.

Ademais, as propostas educativas têm como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, e devem promover “[...] o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (BRASIL, 2010, p. 26). No entanto, a fotografia, como linguagem e forma de expressão da criança, tem sido pouco explorada no ambiente escolar. Mesmo com o respaldo da legislação, observa-se que, ao mesmo tempo em que as crianças utilizam a máquina fotográfica ou o celular rotineiramente na produção de imagens em outros ambientes sociais, a fotografia pouco se faz presente no trabalho pedagógico com os meninos e as meninas.

Silva e Schifino (2019) discutem o desejo e a curiosidade das crianças pelas fotografias e pelas câmeras fotográficas. Segundo as autoras, meninos e meninas, à medida que vão experienciando o equipamento e as próprias imagens que produzem, procuram novos ângulos e

posições cada vez mais inusitados. Divertem-se muito nesses momentos, que se configuram como descobertas, muitas vezes longe dos olhares adultos.

O reconhecimento da fotografia como linguagem expressiva das crianças também é destacado nos estudos de Tourinho (2011), que enfatiza a responsabilidade das instituições educacionais para a educação da cultura visual, visto que as imagens contam de nós e dos outros. Segundo a autora, “de fundamental importância [...] é o papel da escola no empoderamento de professores e alunos para agenciar diferentes percursos de produção e significação sob perspectivas inclusivas que dilatam o olhar pedagógico” (TOURINHO, 2011, p. 4).

Esse movimento das crianças e as fotografias produzidas por elas vêm nos instigando a aprofundar a análise dessas imagens, no intuito de ampliar nossa compreensão sobre as crianças, suas infâncias e suas produções. Produções essas que são um convite a uma nova experiência do olhar, do escutar, do pensar e do sentir:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24-25)

Suspender as opiniões, o juízo, as vontades e o automatismo da ação de modo a cultivar a arte do encontro. Esse é o convite quando observamos as fotografias das crianças. Suas produções imagéticas revelam-nos o fotografar pelo simples prazer de fotografar, que ganha forma e contorno diante de pessoas, lugares e “[...] objetos usuais, invisíveis de tanto serem vistos” (ROUILLÉ, 2009, p. 358), e, por incitarem sua curiosidade, tornam-se dignos de serem fotografados.

Pensar nas produções imagéticas de meninos e meninas pressupõe a ideia de outras temporalidades, para além de *Kronos*, um tempo *kairós*, tempo de oportunidade, e também um tempo *aión*, tempo descontínuo, não linear, tempo da experiência, que permite afetar e ser afetado, fluindo intensamente na sua duração (KOHAN, 2004a).

A fotografia produzida pelas crianças conduz-nos a caminhos de descobertas, surpresas e diálogos, visto serem as imagens

[...] “narrativas visuais”, abertas e sujeitas às múltiplas leituras por aqueles que estabelecem diálogos com ela. A produção imagética não determina a priori os significados, ou ilustra os valores aceitos socialmente, ‘mas se estabelece’ entre aqueles que compartilham os mesmos códigos culturais. (CUNHA, 2009, p. 30)

Todavia, é necessário estar junto, valorizar as produções das crianças e conhecer o contexto em que foram produzidas, aprender com elas e experimentar, por meio de suas perspectivas, outras diferentes formas de ler o mundo.

Romper com o olhar adultocêntrico é um dos grandes desafios na Educação Infantil. Nesse sentido, compreendemos que o uso da câmera fotográfica pelas crianças pode contribuir com essa ruptura, pois, quando permitimos a elas fotografarem espaços escolares e não escolares, visibilizamos suas ideias acerca de si, do(a) outro(a) e do mundo, suas leituras de mundo, que quase sempre desafiam a nossa inteligibilidade adulta (SILVA; SCHIFINO, 2019).

Silva e Fasano (2020, p. 75) asseveram que “o respeito à razão infantil [...] exige uma escolha política por parte dos(as) adultos(as), dos(as)educadores(as), voltada a uma radicalidade democrática”. Assim, respeitar a razão infantil é respeitar as várias formas pelas quais as crianças observam e dizem o mundo: a fotografia é uma delas.

A fotografia, desde a sua descoberta, vem acompanhando o mundo contemporâneo, no qual novas tecnologias têm possibilitado registrar cenas, pessoas, objetos e locais diversos. A facilidade do uso da câmera por meio do celular tem produzido um impulso pelo “*click*”, que Carrieri (2018) chama de “incontinência fotográfica”. Essas fotografias têm criado um movimento nas mídias sociais que possibilita adentrar em um universo de diversidades, com uma rapidez nunca antes imaginada, haja vista que, como pondera o autor e fotógrafo,

para o bem e/ou para o mal *Facebook, Instagram, WhatsApp*, são marcas inequívocas do nosso tempo, [...] todas elas juntas são uma pista evidente que as experiências fotográficas vão se multiplicar de tal forma que os tempos atuais serão apenas pré-história desse movimento. (CARRIERI, 2018)

Refletir sobre a fotografia e as mudanças proporcionadas por ela nos impulsiona a pensar em uma educação que favoreça o seu uso pelas crianças nos espaços educacionais, visto ser uma linguagem de múltiplas funções e de crescentes possibilidades. Oportunizar seu uso aos meninos e às meninas permite-nos compreender que ela é “[...] ao mesmo tempo e sempre, ciência e arte, registro e enunciado, índice e ícone, referência e composição, aqui e lá, atual e virtual, documento e expressão, função e sensação” (ROUILLÉ, 2009, p. 197).

Para analisar as fotografias produzidas pelas crianças, é preciso suspender as certezas e o automatismo da ação e adentrar no mundo fascinante da infância, em que a criança protagoniza e constrói suas próprias culturas, um mundo em que são sujeitos da experiência – a qual é compreendida como “[...] o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). É preciso considerar que nem todos os

acontecimentos são experiências, pois a experiência, desde essa compreensão, é aquela que permite a quem a vive sair transformado(a) (BENJAMIN, 1984).

Nessa perspectiva, essa produção imagética das crianças é um convite a adentrar em um mundo construído por elas, um mundo de beleza, incertezas, descobertas, reflexões e encantamentos. Sendo assim, tendo em vista que as imagens carregam consigo a subjetividade de quem as produz, “[...] o que devemos ler nelas não é o que elas dizem, mas aquilo que elas nos dão a pensar. Por isso, pensar com as imagens, ou pensar além delas, é escuta, é olhar atento, é deslocamento, são outras travessias” (LEITE; CHISTÉ, 2015, p. 274). Que possamos percorrê-las!

Imagens vertiginosas

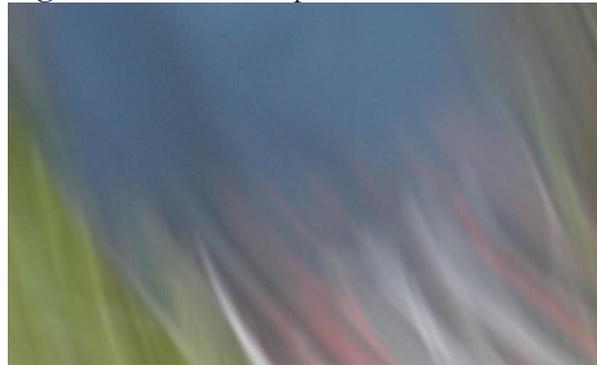
Em um primeiro momento, as produções imagéticas das crianças na creche causam-nos um estranhamento e até um incômodo. Elas fogem à lógica adultocêntrica, talvez porque no percurso entre o fotografar e o revelar da imagem captamos apenas um recorte da experiência vivida no momento eufórico do *click*. Dessa forma, o que conseguimos ver são borrões, “[...] imagens trêmulas, embaçadas, imagens nítidas e sem sentido, imagens vazias, imagens desfocadas, vertiginosas, que muito e pouco dizem” (LEITE; CHISTÉ, 2015, p. 276). É o que observamos na Figura 1 e na Figura 2, a seguir.

Figura 1 - Foto tirada por Ana Clara



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 2 - Foto tirada por Guilherme



Fonte: Acervo GEPIDE.

Verificamos na Figura 1 e na Figura 2 imagens desfocadas e vertiginosas, um movimento de brincar e se deslocar. Ao mesmo tempo em que nada dizem, dizem muito sobre a interação das crianças com o objeto câmera. A câmera funde-se ao(à) fotógrafo(a) e os dois tornam-se um(a). Como afirma Leite (2011, p. 135),

[...] as câmeras desaparecem como equipamentos e se reaparecem como corpos, são assim usadas para explorar. As câmeras não são mais meio, mas sim extensão do corpo, as câmeras e as imagens são formas, modos de explorar o meio, o espaço, o tempo são corpos explorando, montando e sendo montados.

Nesse movimento, “a máquina é um brinquedo” (FLUSSER *apud* CARRIERI, 2014), que permite à criança explorá-lo, sem a intencionalidade para a qual esse “brinquedo” foi criado. Destarte,

[...] o ato fotográfico é um jogo. Por isso, sentimos que nesse estado atento e curioso - de mirar uma pessoa ou objeto - fotografamos com o corpo todo, utilizamos todos os sentidos e as nossas referências culturais. Pensamos, sentimos e nos movimentamos rapidamente. É um jogo de agilidade e presteza. e, naquele instante decisivo, apertamos o botão da câmera, para conseguir uma ‘boa jogada’. (CARRIERI, 2014)

Compreender esse movimento brincante das imagens constitui-se como um desafio, como verificamos na fala da Professora A: “[...] *o que ela fez, você não vai saber nunca o que ela fez, por mais que você tivesse ali na hora é complicado entender o que ela quis registrar. [...] assim, são fotos que apareceram só riscos?*”.

Pensar nas produções fotográficas para além delas é compreender que elas não têm um fim em si mesmas e nem um significado único e incontestável, portanto, mais do que interpretá-las, olhá-las é “[...] recolher-se na intimidade daquilo que dá pra pensar. É demorar-se nisso. Pensar com elas e para além delas é entrar e demorar-se, perder-se na profundidade” (LEITE; CHISTÉ, 2015, p. 274). É admirar!

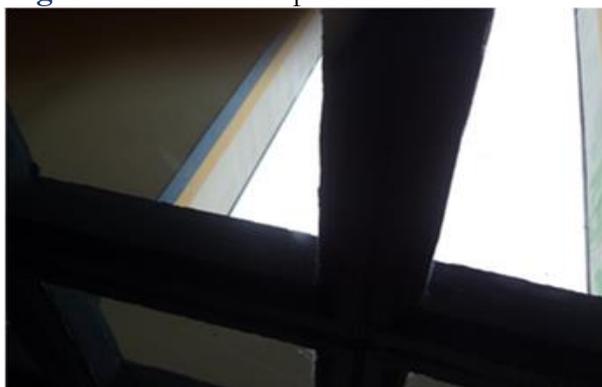
Espaços, tempo e materiais

As imagens produzidas pelas crianças revelam a forma como estas vão se apropriando do espaço da creche. Espaço reconhecido como coeducador, visto que sua construção e organização nunca é neutra, pois “[...] revela concepções da infância, da criança, da educação, do ensino e da aprendizagem que se traduzem no modo como se organizam os móveis, os brinquedos e os materiais com os quais os pequenos interagem” (HORN, 2017, p. 32). É nesse mesmo espaço que a criança observa, descobre, acompanha e, muitas vezes, questiona o ponto de vista adulto.

Nesse movimento, a criança olha o mundo de diferentes ângulos e perspectivas. Na entrevista, Estudante afirmou que, com “[...] *a câmera, elas olham ... elas conseguem pegar mais de baixo pra cima?*”, como observamos nas fotografias de Ana Clara, reproduzidas a seguir na Figura 3 e na Figura 4.

Figura 3 - Foto tirada por Ana Clara

Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 4 - Foto tirada por Ana Clara

Fonte: Acervo GEPIDE.

Meninas e meninos também olham em profundidade, como vemos na Figura 5; olham através de, como mostra a Figura 6; olham em detalhes, como observamos na Figura 7; e olham de cima, como retrata a Figura 8.

Figura 5 - Foto tirada por Yasmin

Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 6 - Foto tirada por Melyssa

Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 7 - Foto tirada por Igor

Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 8 - Foto tirada por Tayla

Fonte: Acervo GEPIDE.

As imagens feitas pelas crianças denotam a criança protagonista, curiosa e ativa, que tem um olhar irrequieto, desejoso, atento. Revelam também as mãos ágeis e tão hábeis que mexem,

sentem, transformam, constroem e desconstroem. Os pés velozes prontos a explorar, andar, correr, seguir, sentir. A mente criativa, inventiva e imaginativa que transforma qualquer objeto supostamente “sem valor” em algo de valor inestimável. A criança quer compreender, pesquisar, sentir o espaço em que permanece grande parte do tempo. Quer transformar esse espaço, muitas vezes sem sentido para ela, em um novo mundo repleto de possibilidades.

As imagens produzidas pelas crianças dão indícios sobre esse movimento, conforme relato da Professora A:

E você descobre umas coisas! Elas têm um olhar bem mais apurado que o nosso né? Elas veem além da imagem. Então, eu acho isso muito interessante. Eu gosto muito de ver isso, porque a gente tá ali... a gente tá vendo uma flor, mas no mundo de Bobby delas... elas estão muito além desta flor. [...] elas veem a cor, elas sentem a textura, elas sentem o cheiro... acho que elas tentam pegar isso na foto!

O olhar da criança inquieta-nos, haja vista a série de fotos tiradas por Ana Clara das grades da creche, que apresentamos na Figura 9, na Figura 10, na Figura 11 e na Figura 12. Afinal, que espaço é esse?

Figura 9 - Foto tirada por Ana Clara



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 10 - Foto tirada por Ana Clara



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 11 - Foto tirada por Ana Clara



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 12 - Foto tirada por Ana Clara



Fonte: Acervo GEPIDE.

As fotos de Ana Clara possibilitam muitas leituras, é impossível afirmar um único sentido; mas suas imagens provocaram sua professora a olhar com estranhamento para esse espaço escolar tão familiar. Nas palavras da Professora A: “*Eu não imaginava que houvesse tantas grades aqui*”.

Para a Estudante, “[...] *ver o espaço, pelos olhos das crianças é uma coisa muito importante... muito importante mesmo*”. Isso porque o olhar das crianças para os espaços demonstra a importância de pensá-los de modo que propiciem a elas situações de interação e brincadeira com seus pares, com os(as) adultos(as) e com os materiais ali disponibilizados – a fim de oportunizar movimentação, deslocamentos, exploração, descobertas, surpresas, encantamentos, manipulação e transformação dos objetos e materiais por meio da imaginação e da criatividade, e tornar efetivo o processo de aprendizagem da criança em sua integralidade. Fundamental considerar, ainda, os espaços externos para as diferentes interações e brincadeiras na natureza e com ela (VALÉRIO, 2021) e que estas possam proporcionar experiências riquíssimas às meninas e aos meninos.

Para além disso, é preciso pensar no tempo como um fator importante no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, levar em consideração seus ritmos, desejos, afetos e interesses. O tempo da criança é um tempo presente, que implica presença. Um tempo de intensidade.

Nesse tempo presente, meninos e meninas entregam-se às câmeras fotográficas, brinquedos em suas mãos, a fim de capturar fragmentos de um tempo, como, por exemplo, quando Tayla procura capturar o movimento da balança, como mostram as fotografias que inserimos na Figura 13, na Figura 14, na Figura 15 e na Figura 16.

Figura 13 - Foto tirada por Tayla



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 14 - Foto tirada por Tayla



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 15 - Foto tirada por Tayla



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 16 - Foto tirada por Tayla



Fonte: Acervo GEPIDE.

Segundo a Professora A, “[...] alguns tentavam fazer poses, outros tentavam capturar o movimento mesmo. Eu me lembro que tinha uma... a Tayla [...] ela ficava com a câmera balançando o balanço e tentando tirar foto”. Para a Estudante, “[...] o que que é importante pra criança... é como ela enxerga a escola, como ela enxerga o espaço dela”.

As docentes chamam atenção para como o trabalho com as fotografias foi significativo para as crianças. A Professora A conta: “Elas sabiam as fotos que elas tinham tirado! Porque foi muito significativo para elas [...] tirarem as fotos. [...] E ela fala assim: foi eu que tirei essa foto! Porque realmente ela teve aquela intenção?”. Segundo a Professora B,

[...] a gente tinha o cuidado de colocar o nome da criança na máquina, né, pra gente saber identificar qual criança registrou aquelas imagens. E a gente percebeu que as crianças identificavam!
 - Olha, aquela foto foi você que tirou!
 - Aquela foto foi eu que tirei!
 E eram fotos assim... porque elas fotografaram a água do bebedouro, né?!

Ao nos debruçarmos sobre as fotografias produzidas por essas crianças, deparamo-nos com imagens que dizem respeito a uma experiência, a uma busca incansável por objetos e detalhes que perpassam o universo adulto e a sua lógica. Meninos e meninas observam, descobrem e reconstroem os espaços educacionais a partir de outra lógica, e nesse mundo eles não se preocupam com a ordem e o significado das coisas, porque

[...] é um mundo que possui sua própria lógica, mundo esvaziado da lógica adulta que sempre se impõem sobre o mundo das crianças, mas um mundo que não ‘se organiza’, não ‘se arruma’ em referências dadas antes de uma lógica já dada, mas ‘lógicas de outros tempos e outras razões’, um mundo inseguro e irascível”. (LEITE; LEITE, 2014, p. 89)

O convite para que possamos abrir espaço a outras temporalidades nas instituições educacionais implica reconhecê-las como lugar de encontro, que permita sua abertura para algo

que elas ainda não são, um “[...] espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, mundo de devir e não apenas de história, tempo de *aión* e não somente *chrónos*” (KOHAN, 2004b, p. 9).

Olhar caçador

A mudança de paradigma a respeito da concepção de criança que tem ocorrido ao longo da história demonstra a necessidade de aproximarmos-nos dela, de forma sensível e com uma escuta atenta, pois ela tem saberes, conhecimentos e suas próprias percepções a respeito dos contextos em que estão inseridas e das relações que neles acontecem, daí a necessidade de considerarmos as suas perspectivas, as suas vozes, visto que “[...] há realidades sociais que só podem ser descobertas, aprendidas e analisadas a partir do ponto de vista das crianças e de seus universos específicos” (GOBBI; FINCO, 2011, p. 44-45).

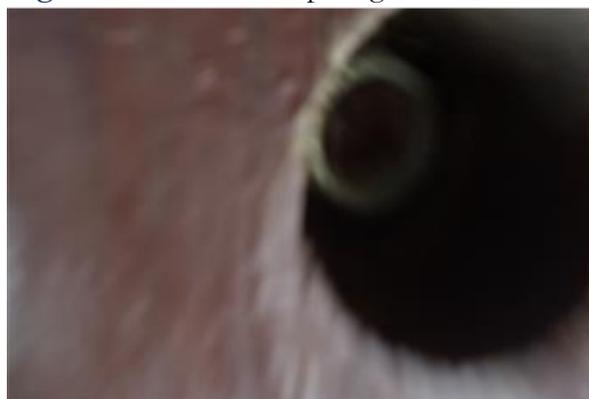
Essa criança potente, competente e conectada aos adultos, às adultas e às outras crianças (MALAGUZZI, 1999) é percebida pela Professora A, conforme verificamos em seu depoimento: “[...] a gente ficou olhando as fotos, analisando as fotos. É engraçado, porque é tipo uma obra de arte [...] quem não sabe que é um projeto e o objetivo, fala: nossa que foto mal tirada! E pra elas não! Elas tinham um objetivo ali”. As fotos de Igor, reproduzidas na Figura 17 e na Figura 18, ilustram bem isso.

Figura 17 - Foto tirada por Igor



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 18 - Foto tirada por Igor



Fonte: Acervo GEPIDE.

Olhamos para as produções imagéticas e percebemos uma criança que desvela o olhar, que não se aquietta e que não se permite aquietar, pois tem muito “trabalho” a fazer. Ela é “caçadora”! (BENJAMIN, 1995). Essa criança “caçadora” vive uma constante busca por algo novo e, assim, “cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui em geral, constitui para ela uma coleção única” (BENJAMIN,

1995, p. 39). Coleção que merece um enquadramento, um *click*, e a eternização na forma de uma fotografia.

Ao se apoderarem das câmeras fotográficas, as crianças saem à “caça”. Elas transformam esse objeto em seu mais novo instrumento, com o propósito que elas próprias estabeleceram, empoderam-se e, ao fazê-lo, transformam objetos, materiais, coisas “desimportantes” aos olhos adultos. Observamos esse olhar das crianças nas fotos reproduzidas na Figura 19, na Figura 20, na Figura 21 e na Figura 22.

Figura 19 - Foto tirada por Lucas



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 20 - Foto tirada por Isadora



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 21 - Foto tirada por Tayla



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 22 - Foto tirada por Igor



Fonte: Acervo GEPIDE.

As crianças trazem consigo um poder de transformação e talvez de profanação (AGAMBEN, 2007), pois aquilo que era já não é mais – elas dão novo sentido e significado, profanam sentidos construídos e deformam o uso comum das coisas (LEITE; CHISTÉ, 2015). E nesse deslocamento pelo espaço à captura por esses objetos, meninos e meninas colocam em suspense a lógica adultocêntrica, conforme relatado pela Estudante:

[...] eles não vão conseguir, parar, enquadrar, olhar... eu imaginava que ia ser uma coisa muito aleatória. Não ia ter muita coisa pra gente ver ali naquelas imagens. Eu achei! [...] então, foi uma coisa assim que eu aprendi muito naquele momento, com essa atividade, de imaginar realmente o quanto as crianças nos surpreendem, né?!

Nesse deslocamento e movimento, as imagens vão sendo construídas por essa criança, que é seletiva em seu olhar, pois possui

[...] rigoroso olhar índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continua ainda a arder turvado e maníaco. [...] Mal entra na vida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja nas coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. (BENJAMIM, 1995, p. 39)

Os objetos, seres e coisas “caçados” pelas crianças merecem destaque em suas coleções e elas as organizam conforme a importância que conferem a cada uma delas. Nesse movimento de organização, as regras são quebradas e pensamentos lógicos de imposição são desconsiderados, porque no mundo construído pela criança existe uma ordem e uma organização que lhe são próprias. Com isso,

“arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas espinhosas que são maçãs medievais, papéis de estanho que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são tótems e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre o anfitrião inconstante, aguerrido. (BENJAMIM, 1995, p. 39)

E são essas coisas, esses objetos e seres “desimportantes” que vão povoando as imagens produzidas pelas crianças. Nas fotografias encontramos folhas, cabos de vassoura, garrafas PET, gotas d’água, pregos, canos, ralos, marcas de pés etc., além de texturas e cores das mais diversas, que constroem esse mundo infantil no interior dos espaços educativos. Conforme pontua a Professora A, o olhar da criança

[...] é um olhar diferente do nosso. É um olhar mais minucioso. É um olhar mais para detalhes. Mas, fora a questão da altura dela né? Então você vê fotos de baixo. De lugares que você não vai olhar [...] que vai passar despercebido. Então você vê fotos de ralo. Você vê foto de cano que é pra drenar água do estacionamento.

Observamos esse olhar diferenciado da criança nas fotografias apresentadas na Figura 23 e na Figura 24.

Figura 23 - Foto tirada por Tayla



Fonte: Acervo GEPIDE.

Figura 24 - Foto tirada por Miguel



Fonte: Acervo GEPIDE.

Para a Professora B,

[...] a fotografia ela é um registro de memória, que traz muitas informações...uma linguagem da criança, uma linguagem também do adulto [...] quando a gente observa essa imagem a gente consegue compreender muita coisa que a gente não consegue observar, né? Eu acho que a fotografia, ela nos permite olhar os detalhes, com calma. É como se fosse uma pausa, que a gente olha o contexto e a gente tem a possibilidade de... olhar os detalhes e tentar compreender aquele contexto, né? numa vida tão corrida que a gente tem... a gente não tem esse hábito de olhar pra aquele contexto e pensar sobre ele. Acho que a fotografia ela nos permite criar memórias, guardar essas memórias, mas também pensar sobre aquela imagem, né? olhar pros detalhes e dar novo sentido pra aquilo que a fotografia nos traz.

Embora a Professora A reconheça a fotografia como forma de expressão das crianças e uma ferramenta que permite a exploração e produção de cultura por meninos e meninas, essa linguagem ainda não foi incorporada no trabalho que realiza com as crianças, seu uso é restrito à documentação pedagógica. Já a Professora B relatou que, após a experiência no projeto, incorporou o uso da fotografia em sua rotina na creche em que atua – deixava a câmera ao alcance das crianças para que elas pudessem manejá-la quando quisessem registrar algo.

A Professora A compartilha que tinha um certo receio em relação ao cuidado com as crianças na exploração dos espaços, por medo de que estas pudessem se machucar, pois, para ela, alguns ambientes não podem ser explorados pelas crianças por oferecerem riscos. A docente também demonstrou receio em relação às câmeras – medo de que as crianças causassem algum dano ao objeto – e confessa ter ficado surpresa ao final da realização das atividades, visto que todas as câmeras estavam em perfeitas condições. Mesmo tendo demonstrado medo, a Professora A reconhece essa criança com saberes e com poder criativo e inventivo, que age em seu meio e o transforma.

Todas as entrevistadas relataram de forma unânime a alegria, a empolgação e o empoderamento das crianças ao pegarem as câmeras de forma livre, sem a interferência direta

dos(as) adultos(as) – isso demonstra que para elas o momento vivido foi uma brincadeira bastante prazerosa. Na apresentação das câmeras para as crianças, as professoras assinalaram a curiosidade destas com a exploração do objeto. A Professora A comentou que uma criança descobriu como ligava a câmera e ensinou as outras crianças como fazê-lo, o que mostra como elas interagem e constroem seus conhecimentos também com os pares.

As entrevistas revelaram, ainda, que as experiências vividas pelas docentes e pela estudante, a partir das atividades propostas no projeto, foram bastantes significativas, na medida em que possibilitaram que elas conhecessem mais as crianças, porque puderam estar mais próximas a elas e, assim, observar, escutar e dialogar desde a perspectiva da própria criança, visto que as entrevistadas não interferiram nas suas produções.

Silva (2017) pontua que a observação atenta e a escuta sensível às crianças constituem ainda um grande desafio à Educação Infantil, porque rompem com uma visão de criança tão somente marcada pela “falta”, bem como com a educação bancária, que ainda se faz presente em muitas instituições. Para a autora,

olhar e escutar as crianças, não impondo sobre elas uma única leitura de mundo, mas atentos(as) à sua produção cultural, não é uma tarefa fácil, uma vez que, ainda é muito presente no cotidiano das instituições, e na própria formação das licenciandas, o mito da explicação, que pressupõe que alguém não seja capaz de compreender sem a explicação do(a) professor(a) (RANCIÈRE, 2004). Com isso, não se permite às crianças que façam descobertas, que se surpreendam, que explorem diferentes possibilidades desde suas próprias leituras. (SILVA, 2017, p. 91)

A Professora A explicitou como a experiência vivenciada por meio do projeto mudou e rompeu com concepções que ela tinha sobre as crianças, o que a levou a fazer mudanças significativas em sua prática, no seu modo de olhar e apreciar os detalhes; desenvolver processos de aprendizagens; e passar a considerar o olhar da criança e as suas especificidades. Além disso, ela compartilhou a necessidade de estudar mais sobre as infâncias e as produções culturais das crianças.

Considerações finais

Ao longo da investigação deparamo-nos com uma criança potente, que se expressa por meio de diferentes linguagens, entre elas a fotografia. Esta, por sua vez, mostrou-se uma linguagem importante para adentrarmos o universo infantil. Um universo marcado pela curiosidade, pela descoberta, pelo encantamento. Nele o tempo é o agora, o presente, em que as crianças se debruçam com intensidade a “caçar” aquilo que as inquieta, que lhes chama atenção. Seu olhar captura detalhes, deslocamentos, movimentos. Sugere e coloca em suspense as certezas.

A exploração dos espaços da creche abriu possibilidades à imaginação e à produção cultural, pois, empoderadas pelas câmeras, as crianças exploraram lugares específicos e de seus interesses e, nesses lugares, como seres observadores e curiosos que são, puderam construir suas próprias narrativas visuais.

Narrativas que apresentam uma leitura de mundo aberta à novidade, visto explorarem cada canto do espaço, “desenfeitiçando os objetos”. Tudo interessa: uma gota de água, a rachadura de um piso, um cano, uma garrafa plástica perdida no jardim, o movimento de seus pés, suas próprias sombras, o movimento dos(as) adultos(as) e também dos(as) colegas etc. – nada parece escapar às crianças.

Suas narrativas revelam seu olhar brincante para as coisas do mundo. O prazer e a alegria com a qual se entregam ao ato de fotografar. Nessa entrega, demonstram, como discute Silva (2017), que não são seres de adaptação, mas de intervenção no mundo, uma vez que estão em um processo ativo em que procuram construir sentido para as práticas culturais das quais participam, e, nesse processo, coletivamente, produzem as culturas infantis. Com isso, vão criando novos e diferentes sentidos, o que, por sua vez, produz efeitos no “mundo adulto”.

Nessa perspectiva, as produções imagéticas das crianças permitem-nos pensar a prática docente na Educação Infantil como uma abertura a novas possibilidades. Possibilidades de novos encontros, de novos conhecimentos, de novas experiências, de viver o presente com intensidade, de se permitir brincar, imaginar, sonhar, desnudar-se e olhar com os olhos de criança.

Com isso, como afirmam Leite e Chisté (2015, p. 279), as produções das crianças são “[...] um convite à abertura, à intimidade, são movimentos de criação, movimentos de imaginação, de devaneios e de muitos delírios”. Que possamos então delirar e nos encantar com elas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Bomtempo, 2007. (Marxismo e Literatura).

ARROYO, Miguel González. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1994, Brasília. *Anais* [...]. Brasília: Ministério de Educação e Cultura, 1994. *Online*.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura*. Campinas: Summus, 1984. (Novas Buscas em Educação, v. 17).

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARRIERI, André. *Por uma alfabetização da “câmera interna”*. 2018. Disponível em: <https://blog.institutosingularidades.edu.br/por-uma-alfabetizacao-da-camera-interna/> Acesso em: 10 dez. 2022.

CARRIERI, André. *Professora, a câmera é o seu brinquedo!* 2014. Disponível em: <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/professora-a-camera-e-o-seu-brinquedo> Acesso em 10 dez. 2022.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. As imagens na Educação Infantil: uma abordagem a partir da Cultura Visual. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 11, n. 19, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2009n19p26> Acesso em: 10 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GOBBI, Marcia; FINCO, Daniela. Tod@s na foto: meninos e meninas fotografam o cotidiano no Assentamento Dom Tomás Balduino. *Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 44-57, 2011. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/4418> Acesso em: 10 dez. 2022.

HORN, Maria da Graça Souza. *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*. Porto Alegre: Penso, 2017.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar (ed.). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004a.

KOHAN, Walter Omar. Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004. *Anais [...]*. Caxambu: ANPED, 2004b. *Online*. Disponível em: http://27reuniao.anped.org.br/diversos/te_walter_kohan.pdf Acesso em: 12 jan. 2023.

LEITE, César Donizete Pereira. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital – Unesp).

LEITE, César Donizete Pereira; CHISTÉ, Bianca. Imagens de crianças: travessias do universo infantil. *Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 272-279, mai./ago. 2015. (Dossiê – Educação Especial e Psicanálise). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/17764> Acesso em: 12 jan. 2023.

LEITE, César Donizete Pereira; LEITE, Adriana Regina Isler Pereira. Imagens como epígrafe: Imagens lúdicas de experiência infantil. *Revista Aleph*, Niterói, ano XI, n. 22, p. 81-96, 2014. (Dossiê – Infância e arte de brincar: educação em movimento). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39079> Acesso em: 12 jan. 2023.

MALAGUZZI, Lóris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 59-104.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre o documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 58, p. 83-100, 2017. (Dossiê – Encontro sobre o poder escolar). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12370> Acesso em: 10 dez. 2022.

SILVA, Marta Regina Paulo da; FASANO, Edson. Crianças e infâncias em Paulo Freire. In: SILVA, Marta Regina Paulo da; MAFRA, Jason Ferreira (org.). *Paulo Freire e a educação das crianças*. São Paulo: BT Acadêmica, 2020.

SILVA, Marta Regina Paulo da; SCHIFINO, Reny Scifoni. Leituras de mundo através de um click: infâncias e fotografia. In: DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patrícia de Moraes (org.). *Por uma luta em defesa dos direitos das crianças: corpo e cultura*. Goiânia: Editora Vieira, 2019. E-book.

TOURINHO, Irene. Cultura Visual e escola. *Salto para o Futuro*, Rio de Janeiro, boletim n. 9, p. 4-8, ago. 2011.

VALERIO, Viviane Graciele de Araujo. *As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche*. 2021. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.